

Sons e Tons da Ribeira Brava

Viriato de Barros

É possível que se ache um exagero considerar São Nicolau uma civilização. Mas esqueçamos por momentos as definições clássicas que nos dariam como modelos representativos do conceito a civilização egeia, por exemplo, ou a greco-romana, ou a dos Maias, e restrinjamo-nos a uma aceção mais simples, mais próxima talvez: uma forma de estar como comunidade e um estilo de vida, que comportam um conjunto de normas não escritas, tacitamente aceites e seguidas por todos, de princípios, usos, costumes e valores. Sei que as coisas mudaram em São Nicolau e que São Nicolau de hoje não é São Nicolau de ontem. Mal seria se nada mudasse. Todavia, de algum modo, há laços que se mantêm.

Uma das coisas que me impressionaram desde o meu primeiro encontro com a ilha, não como adulto ainda, mas tão consciente das realidades sociais como podem permitir tais idades e correspondente experiência, foi o facto de existir e funcionar em equilíbrio, senão perfeito, pelo menos razoável, uma comunidade em que não havia polícias. Uma das entidades mais próximas dessa figura responsável pela manutenção da ordem pública era um fiscal da Câmara Municipal, homem de certa idade, popularmente conhecido por Nho Padjal, um homem solitário, de poucas falas, calmo, que circulava pelas ruas da Vila da Ribeira Brava e outros lugares no exercício tranquilo das suas funções que, alias eram múltiplas. Não usava farda, a não ser que se considere farda aquele seu inseparável casaquinho de “drill”. Zelava sobretudo pela limpeza da vila e pela manutenção do equipamento camarário, controle de cães vadios, etc.. Uma das suas funções mais visíveis, senão a mais espectacular, porém, era a leitura do edital da Câmara, que fazia de forma solene, num tom eminentemente oficial, acto que era sempre precedido de um toque de tambor sempre igual, como um ritual, cuja finalidade era juntar povo.

Ta- ra-ta-ta-pan ta- ra-ta-ta-pan

Ta-ra-ta-ta-pan ta- ra-ta-ta-pan

E os miúdos entoavam no mesmo ritmo:

Nho Padjal ca sta, Nho Padjal ca sta

Povo que estivesse por ai perto juntava-se muito naturalmente a sua volta para ouvir o que tinha para comunicar.

E as leis cumpriam-se, as posturas eram respeitadas como coisa normal, e a ordem pública mantinha-se porque a própria população zelava por isso. Os comportamentos desviantes que eventualmente surgissem eram, em geral, corrigidos a esse nível. Algum garoto ou grupo de garotos que estivesse a fazer ou a tentar fazer alguma era logo dissuadido com sonoro “pshe’u!”, ou chamada de atenção de um adulto presente. A simples presença de determinadas pessoas, cuja idade ou respeito próprio fazia com que se impusesse, era, a maior parte das vezes, suficientemente dissuasora.

Claro que havia por vezes desacatos. Não muito, mas havia-os. Surgiam em geral nas festas, na sequência de copos a mais, situação que levava um ou outro cidadão a sentir-se mais valente do que ninguém, ou capaz de conquistar a mais renitente das moças do baile. Em tais situações o problema era por via de regra resolvido “internamente” por um ou outro forte da vila chamado a intervir, o qual se encarregava de apaziguar o delinquente estragador de festas por culpa de uns grogues a mais. Com mais protesto menos protesto, mais pegada menos pegada, mais empurrão menos empurrão, coisa de cacos, o perturbador era levado a apanhar fresco fora da festa e o ar da madrugada normalmente ajudava a acalmar os ânimos. Nada como o ar da madrugada. Talvez por isso se cantem tanto as madrugadas nas nossas mornas.

Quanto às notícias locais, essas espalhavam-se de boca em boca em bom ritmo: acontecimentos de relevo (um ou outro), boatos e a inevitável mal-língua – “*Dizem c’ma ie ...*”, “*Bo conche Maria... Maria de ... Falod c’ma ie...*”. E por aí fora.

Sendo tanto a comunicação social, como as comunicações em geral elementos fundamentais de ligação entre os membros de uma comunidade, a rádio era o meio único e soberano nesse domínio de informação sobre o mundo exterior. Como poucos, mesmo muito poucos, tinham o privilégio de possuir o instrumento de acesso a esse meio, o aparelho de rádio, as pessoas reuniam-se a certas horas em casa de quem tinha rádio, ou mesmo na rua a frente da casa de um dos portadores de rádio que tinha ido ao ponto de instalar um altifalante (dizia-se alto-falante) junto a uma das janelas para servir a população, para ouvir as notícias. E o Grémio, centro associativo principal da vila, também tinha o seu rádio, como respectivo alto-falante voltado para o Terreiro, para que todos pudessem estar a par dos acontecimentos do mundo, incluindo os das ilhas, que eram os que mais de perto nos diziam respeito.

Outro centro de congregação era os Correios, nos dias de chegada de navio. Idut, Ribeira Brava, Manelica, Gilica, chegou a haver um Mindelo... Ia-se ao correio buscar cartas. Com aquela antecedência da ansiedade. Outros iam simplesmente para ver e conviver, já que era sempre uma boa ocasião para isso. Lá dentro do edifício, o Chefe da Estação, figura emblemática da ilha, era um virtuoso a carimbar as cartas. A sua batida do carimbo fazia-se

numa cadência igual, num ritmo rápido, seguro, forte. Já se lhe conhecia a música.

Tu-tu-tu tuc

Tu-tu-tu tuc

As pessoas levavam para casa as suas respectivas cartas e com elas, nos ouvidos, o ritmo dessa música

Tu-tu-tu tuc

Tu-tu-tu tuc

Em São Nicolau tudo funcionava num ritmo certo, seguro, cadenciado. Uma civilização, sim. Porque não?



Uma imagem que acho muito representativa da vida e da cultura da ilha de S. Nicolau, uma cultura de paz.